

DEBATER  
A EUROPA

---

15

---

jul-dez 2016

---

PORTUGAL E A EUROPA.  
30 ANOS DE INTEGRAÇÃO  
*PORTUGAL AND EUROPE.  
30 YEARS OF INTEGRATION*

---

## *Estudos Europeus em Portugal*

Maria Manuela Tavares Ribeiro, PhD

Professora Catedrática Aposentada da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

Coordenadora de Investigação do Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX da

Universidade de Coimbra - CEIS20

E-mail: [mtribeiro7@gmail.com](mailto:mtribeiro7@gmail.com)

### **Resumo**

Analisar, interpretar e pensar a Europa, com base em estudos orientados por uma pluridisciplinaridade multifocal tem como linha-mestra fomentar a aprendizagem e a reflexão crítica, a fim de se fazer o diagnóstico das estruturas e das representações geográficas, históricas, políticas, sociais, económicas, culturais, religiosas, como ainda das mentalidades e das aspirações, tendo sempre presente a *alteridade* em todas as suas dimensões. É no prosseguimento deste desiderato que se insere a criação em Portugal de cursos em Estudos Europeus. Em várias áreas têm sido igualmente oferecidos cursos vocacionados para a formação de economistas, de juristas, de docentes, de políticos, de politólogos, de historiadores dos Estudos Europeus. Enquadrados no âmbito de várias Universidades, Institutos e Escolas Superiores, Centros de Investigação, Fundações, os Estudos Europeus mobilizam também saberes humanísticos.

**Palavras-chave:** Europa; Portugal; Estudos Europeus; Construção Europeia; Ensino Superior

### **Abstract**

Analyze, interpret and think Europe, based on studies guided by a multifocal pluridisciplinarity has the line master foster learning and critical thinking in order to make the diagnosis of structures and geographic representations, historical, political, social, economic, cultural, religious, but also the attitudes and aspirations, bearing in

mind the otherness in all its dimensions. It was in the pursuit of this goal that in Portugal courses in European Studies have been created. In several areas have also been offered oriented courses for the training of economists, lawyers, teachers, politicians, political scientists, historians of European Studies. Framed within various universities, institutes and higher schools, research centers, foundations, European Studies also mobilize humanistic knowledge.

**Keywords:** Europe; Portugal; European Studies; European Construction; Higher Education

A Europa foi, desde sempre, uma entidade plural. E é essa matriz plural, é essa multiplicidade que deve ser sopesada quando se questiona, discute e reflecte sobre a geografia, a história, a filosofia, a economia, a política, o direito, a religião, as culturas, a cidadania, as identidades. O mesmo é dizer que pensar a Europa é, ou deve ser, pensar a *unidade* e a *diversidade*.

A Europa, a construção europeia, a União Europeia continuam a ser objecto maior dos debates, mas também das preocupações da classe política, dos *media*, da opinião pública, dos cidadãos. E se a maior parte desses debates põe em primeiro plano os meios e fins económicos e políticos numa evidente subalternização das questões sociais e culturais, não se pode esquecer, todavia, que estas são verdadeiramente nucleares. A Europa é, e cada vez mais, um espaço multicultural e multi-religioso. E os problemas postos por essa coabitação na Europa plural terão de ser equacionados, analisados e reflectidos, sob pena de não se transpor para o campo das interrogações universitárias os temas que hoje mais inquietam a vida interna dos povos e as suas relações internacionais.

Este desiderato aponta um campo de intervenção extremamente oportuno e rico em áreas promissoras também para a Universidade.

Analisar, interpretar e pensar a Europa, com base em estudos orientados por uma pluridisciplinaridade multifocal tem como linha-mestra fomentar a aprendizagem e a reflexão crítica, a fim de se fazer o diagnóstico das estruturas e das representações geográficas, históricas, políticas, sociais, económicas, culturais, religiosas, como ainda das mentalidades e das aspirações, tendo sempre presente a *alteridade* em todas as suas dimensões.

## *Os Estudos Europeus e as Humanidades*

É no prosseguimento deste desiderato que se insere a criação em Portugal de cursos em Estudos Europeus. Em várias áreas têm sido igualmente oferecidos cursos vocacionados para a formação de economistas, de juristas, de docentes, de políticos, de politólogos, de historiadores dos Estudos Europeus – Cursos de 1.º, 2.º, 3.º Ciclos, de Pós-Graduação, de Especialização, Congressos, Colóquios, Seminários, Cursos Intensivos, Workshops, etc.. Registe-se a importância do Programa SOCRATES, destinado a estudantes nacionais e estrangeiros, que aprendem analisando temáticas de Estudos Europeus ou afins. Tem sido esta, aliás, uma das áreas em que a internacionalização mais visivelmente tem progredido nos últimos anos, talvez menos no momento presente.

Com vista a uma maior consolidação dos saberes sobre Estudos Europeus, também em Portugal, se entendeu, há uns anos, ser oportuno e de toda a conveniência e necessidade de criar unidades de formação avançada. O propósito foi, pois, convocar docentes com diferentes formações científicas, enriquecidas por experiências culturais diversificadas, credenciadas pela docência e a investigação, para analisar, reflectir e transmitir aos estudantes, também eles de formação diversa, os saberes e os projectos de tão diferentes domínios, mas que permitem perscrutar e entender os caminhos que foram tecendo, dividindo ou cerzindo o espaço que é Europa.

Os Estudos Europeus exigem hoje, de forma cada vez mais insistente e até mesmo imperativa, uma abordagem teórica e prática de carácter multi – e interdisciplinar – a única capaz de fazer inteira justiça à complexidade dos problemas envolvidos.

Deste modo, conjuga-se a formação de âmbito mais geral com a formação mais especializada, mas sempre com um objectivo multifocal proporcionado pelo contexto de transversalidade multidisciplinar. Assim se criaram condições adequadas, não apenas para a aquisição de uma sólida competência na área específica dos Estudos Europeus, mas também do desenvolvimento da capacidade de pensar os problemas de modo global e de exercer autonomia intelectual e espírito crítico, uma capacidade que não deixará de representar um capital precioso para a orientação dos

futuros licenciados, mestres, doutorados, num mundo, e num mercado de trabalho, crescentemente complexos.

Enquadrados no âmbito de várias Universidades, Institutos e Escolas Superiores, Centros de Investigação, Fundações, os Estudos Europeus mobilizam também saberes humanísticos para o seu plano de formação, privilegiando, como é próprio desses saberes, uma dimensão reflexiva e auto-reflexiva. Os desafios com que os futuros licenciados, mestres, doutores se confrontarão na sua carreira profissional são, assim, preparados ao proporcionar-lhes instrumentos para o conhecimento, a compreensão e a análise crítica, única forma de ir ao encontro das necessidades, em permanente evolução, do mercado de trabalho actual.

De facto, a Europa na qual os nossos estudantes trabalharão no futuro será já diferente, em vários aspectos, da Europa que nós podemos ensinar-lhes hoje. Num período de mudança rápida e de incerteza crescente sobre as estruturas tradicionais, tornar-se-á, por certo, mais importante equacionar e analisar questões do que ter “boas” respostas. Tal só será possível através de uma sólida interacção entre as diferentes áreas das Humanidades, mas também de um diálogo intenso com outras áreas do saber como, por exemplo: a História, a Filosofia, a Antropologia, a Economia, o Direito, a Ciência Política, a Sociologia, a Geografia, as Relações Internacionais, enfim, as Ciências Sociais e Humanas.

Num quadro em que outros domínios mais tradicionais da oferta curricular se tornaram menos atractivos, sobretudo devido à conjuntura recessiva das carreiras docentes, a abertura de novas áreas de formação não deixaram de gerar uma procura sustentada, tanto mais que a formação nessas áreas abriria um leque amplo de futuras possibilidades no mercado de trabalho. À procura por parte de alunos, que se orientariam para outros cursos, somar-se-ia, sem dúvida, a de outros interessados. A consolidação do processo de integração europeia fez suscitar uma necessidade crescente de cursos em Estudos Europeus, os mais habilitados, por definição, a intervirem para além de um quadro estritamente nacional, seja nas instituições europeias, seja, no seu próprio país, nas empresas, na administração pública, nas autarquias, nas escolas, em organizações diversas da sociedade civil, etc.

Pensaram-se diversificadas e múltiplas saídas profissionais que se abririam aos diplomados nos Cursos de Estudos Europeus. As opções – pensava-se – tinham um objectivo: seriam variadas no âmbito da docência e da investigação: sobre a Europa,

sobre a União Europeia, sobre cidadania e direitos humanos, sobre relações e organizações internacionais, sobre informação e comunicação, sobre opinião pública, sobre a geografia europeia, as migrações, os movimentos sociais, o ambiente, o multilinguismo e multiculturalismo, as políticas económicas, a Europa nos sistemas mundiais, as relações transnacionais, a segurança e defesa, a diplomacia, quer no ensino básico, como secundário e superior.

Outro objectivo se explicitava – a formação de funcionários e de técnicos especializados em questões comunitárias para os quadros das instituições europeias, das instituições e organismos internacionais, das instituições governamentais – ministérios, embaixadas, consulados; para os quadros do sector privado e da administração pública; para os quadros das autarquias, da comunicação social. E ainda: preparar assessores e conselheiros culturais de empresas públicas e privadas, consultores e gestores culturais e profissionais da carreira diplomática. Tinha-se em conta diversos sectores profissionais interessados numa segunda licenciatura ou mestrado: estudantes universitários em geral, jornalistas, economistas, juristas, educadores, professores, entre outros.

Existem já, desde há alguns anos, licenciaturas em Estudos Europeus em diversas instituições do ensino superior portuguesas. Ao ler os objectivos dos vários cursos, verifica-se que um denominador comum é notório – interdisciplinaridade, carácter multifacetado, diferença, inovação. Cada programa confere uma indiscutível identidade própria à proposta de criação do Curso. Por outro lado, sem se deixarem confinar estreitamente a uma só área disciplinar, e sem prescindirem do contributo de outras áreas do conhecimento, nomeadamente do Direito, da Economia, da Teoria e Sociologia Política, da Ciência Política, das Relações Internacionais, alguns desses cursos estavam firmemente ancorados na perspectiva das Humanidades e vieram beneficiar por inteiro de uma concepção integrada do conjunto dos saberes professados, por exemplo, nas Faculdades de Letras e Ciências Sociais e Humanas. Não se tratava, pois, de uma simples extensão ou reformulação de, por exemplo, licenciaturas em Línguas, em História, em Filosofia; pensava-se, sim, na abertura de uma área de ensino e de investigação inteiramente nova que, pelo seu carácter transversal, poderia beneficiar de todo um capital de conhecimento acumulado nas diferentes áreas sem se esgotar simplesmente nele, contribuindo activamente para reforçar a capacidade de resposta às solicitações da sociedade no presente e no futuro.

Procurava-se não apenas fazer convergir uma multiplicidade de saberes para a compreensão da realidade europeia, mas de fazer com que esta convergência possibilitasse uma abertura ao *pensar a Europa*. Este *pensar a Europa* era tomado num duplo sentido objectivo e subjectivo. Propunha-se, por um lado, promover a abertura a um pensar que fosse capaz de compreender a Europa, de um modo cada vez mais profundo, abrangente e crítico, e, por outro lado, acima das contingências do(s) momento(s) e para além dos meios e mecanismos concretos e específicos que modelam ou acrescentam novos contributos ao *fazer a Europa*. A esta luz, operava-se uma reflexão-síntese situada na perspectiva do tempo longo e na óptica e na ética do(s) sentido(s) da História, em geral, e do projecto europeu, em particular. Nos programas e objectivos desses cursos este pensar pertence à Europa e que, nessa medida, a constitui; ou seja, que a Europa não o pode ser sem o exercício permanente deste *pensar-se*. Dada a sua natureza de síntese reflexiva, retrospectiva e prospectiva, deveria fomentar-se o debate e a consciência crítica dos alunos, estimulada e enriquecida também pela intervenção em conferências e mesas-redondas, colóquios, seminários, workshops, com temas que viessem a ser propostos, mas também na expressão dessa consciência crítica em trabalhos escritos apresentados e discutidos nos cursos, nos debates, etc..

#### *Ciclos de Estudos e Cursos Similares no Espaço Europeu – uma análise comparativa*

As licenciaturas em Estudos Europeus são relativamente recentes e hoje em número reduzido tanto no panorama universitário português como no espaço académico europeu. Os Estudos Europeus, como área científica autónoma, constituem uma variante especializada na área mais ampla da Ciência Política e das Relações Internacionais, e orientada em particular para a problemática da construção europeia, quer, por um lado, na perspectiva do seu enquadramento na organização internacional da Europa e do Mundo, quer, por outro, para o estudo da integração europeia na sua multiplicidade de aspectos (geográficos, históricos, culturais, económicos, políticos, jurídicos, religiosos...).

Não surpreende, pois, que as licenciaturas, tematicamente mais próximas dos Estudos Europeus, encontradas nos percursos académicos universitários se enquadrem

hoje, em geral, na área de Ciência Política e/ou Relações Internacionais; e, nesta lógica, os Estudos Europeus aparecem, em alguns casos, como cursos de especialização e de pós-graduação, mas também nos patamares da licenciatura, mestrado e doutoramento.

É esta a conclusão geral a que se chega na busca e no confronto de cursos de várias universidades de referência, no espaço europeu. Constata-se, com efeito, que os Estudos Europeus são geralmente oferecidos nos níveis de Master ou de Cursos de Especialização. São os casos, por exemplo, dos Cursos de Master oferecidos pelas Universidades Livre de Bruxelas (com diversas opções e variantes), Siena, Católica de Lovaina, Robert Schuman de Estrasburgo, Nancy 2, Provence, Centre d'Études Européennes de Sciences-Po (Paris), entre outras.

Contudo, verifica-se também uma tendência crescente para a autonomização da área dos Estudos Europeus ao nível da licenciatura, em Portugal como na Europa. No espaço universitário nacional foram criadas, nos últimos anos, licenciaturas com esta designação. Em alguns casos, como nas Universidades de Lisboa, Porto e Coimbra, as que foram inseridas no quadro orgânico das Faculdades de Letras, têm uma vertente humanística fortemente dominante e em estreita articulação com o ensino das línguas estrangeiras e a comunicação intercultural como aconteceu na Universidade do Porto; noutros casos, como nas Universidades dos Açores, Universidade Moderna, Universidade Lusófona, Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, Universidade do Minho, partilham a designação em conjunto com Ciência Política (Açores) ou com Relações Internacionais (nas restantes). No caso da Faculdade de Letras de Coimbra, a originalidade da Licenciatura de Estudos Europeus é de realçar: embora ancorada nos saberes multidisciplinares selectivos desta unidade orgânica (com destaque para a História, Filosofia, Geografia, Jornalismo e Línguas Modernas), não se esgotou neles e integrou contributos substanciais de outros saberes e áreas científicas que lhe são tradicionalmente exteriores (Relações Internacionais, Ciência Política, Direito, Economia, Antropologia, Sociologia...).

No que respeita ao espaço europeu, também se verificou uma tendência crescente para a autonomização dos Estudos Europeus ao nível da Licenciatura. É o caso, sugestivo e interessante, da Universidade da Sorbonne Nouvelle Paris III. Sendo a sua área vocacional as humanidades (“*langues, lettres, arts, et sociétés*”



contemporâneas”), em sentido mais restrito do que na Faculdade de Letras de Coimbra, oferece licenciaturas nos domínios das línguas, literaturas e civilizações estrangeiras (LLCE), mas também dos Estudos Teatrais e Cinema audiovisual, da Informação e Comunicação e dos Estudos Europeus. Todas estão concebidas no quadro LMD (Licence, Master, Doctorat), planificadas conforme os princípios, objectivos e as normas de Bolonha. Na licenciatura da FLUC, como na francesa, que referi, o objectivo da licenciatura de Estudos Europeus é no essencial idêntico, estando alicerçado na intermediação da diversidade de contributos pluridisciplinares: 1) da história, possibilitando aos estudantes uma sólida formação centrada na Europa, em particular na época contemporânea, na construção das identidades nacionais, políticas e culturais, no progresso da ideia de Europa a partir do início da idade moderna; 2) da economia, através da compreensão dos mecanismos e das relações económicas contemporâneas e da sua articulação com a integração económica e social europeia; 3) do direito e da ciência política, com a compreensão do processo da construção europeia, do funcionamento das suas instituições e articulação com os sistemas políticos europeus; 4) e das línguas vivas estrangeiras como veículo ou instrumento de comunicação à escala continental ou internacional.

Do levantamento efectuado ao nível dos vários cursos de referência do ensino universitário europeu ressalta, em termos genéricos: 1) a extrema proximidade entre o ciclo de estudos da Licenciatura de Estudos Europeus da FLUC e as práticas observadas em vários casos. O leque de instituições e cursos analisados para este efeito inclui as Universidades seguintes: Universidade de Siena; Universidade de Cambridge; Universidade de Oxford; Universidade Robert Schuman de Estrasburgo; École des Hautes Études Internationales de Paris; Universidade de Valladolid; Universidade Livre de Bruxelles; Universidade de Hannover, e ainda a Universidade Católica de Lovaina, a de Leiden, as de Provence e de Nancy, para apenas citar as de maior capacidade referencial. 2) De igual modo se teve em conta a experiência recolhida neste aspecto pelos vários cursos de Estudos Europeus integrantes das universidades participantes do Master in European Studies, entre as quais se contam as de Coimbra e Açores, Salamanca, Poitiers, Granada, Estrasburgo<sup>3</sup>, Cracóvia, Oradea, Montpellier<sup>1</sup>, Hannover, Bolonha, Siegen, sob coordenação da Universidade de Siena, fundado em 2002 e que se manteve até 2013.

Um segundo ponto de igual relevo, que a análise comparativa demonstra inequivocamente, diz respeito à área científica em que por norma são incluídos os cursos chamados de *Estudos Europeus*, com esta ou outras designações. É, com efeito, e repito, na área da *Ciência Política* que eles tendem a ser integrados. E isto independentemente do maior ou menor peso aí detido, quer institucional, quer cientificamente, por áreas de presença igualmente forte no âmbito destes cursos, como sejam, já o disse, a História, a Economia, o Direito, a Geografia, a Filosofia Política, as Relações Internacionais. É que, de facto, a inclusão tendencial na área da *Ciência Política* decorre das determinações a este respeito produzidas pela normatividade europeia, das quais faz eco, entre nós, a Portaria nº 256/2005 (DR, II série, de 16 de Março de 2005), onde, por dedução, se verifica situarem-se as temáticas atinentes aos *Estudos Europeus*, seja porque associadas aos *Estudos Internacionais*, seja porque associadas, por exemplo, à *História Política*, na área mais ampla da *Ciência Política*. Foi essa, por conseguinte, a orientação também seguida em vários Cursos de 1.º Ciclo, o que, assim sendo, os adequa tanto à prática europeia quanto à determinação portuguesa que a acolhe.

Se a dimensão institucional da construção europeia dominou por longo tempo as pesquisas dos historiadores em história, a verdade é que a evolução dos diferentes campos históricos e das relações internacionais tem permitido novas pesquisas.

Em conclusão, de facto, a ideia de Europa, o projecto de Europa unida inscreveu-se numa História da Europa mais alargada. Eles representam um campo importante da história das relações internacionais e parte integrante de diversas reflexões, sobre a guerra, e a paz, direitos humanos, segurança, estratégia, relações transatlânticas, etc.. A verdade é que para além do direito, da economia, da geografia, a ciência política, a sociologia e a antropologia política abriram caminhos pioneiros na área de *Estudos Europeus*.

Sem a preocupação de ser exhaustiva, apresento alguns exemplos de Cursos, de Associações e de Centros, que muito têm contribuído para o desenvolvimento dos *Estudos Europeus* a nível nacional.

<b>Licenciaturas</b>	
<b>Designação</b>	Estudos Europeus
<b>Universidade</b>	Universidade de Lisboa – Faculdade de Letras
<b>Data de criação</b>	1998
<b>Designação</b>	Estudos Europeus
<b>Universidade</b>	Universidade de Coimbra – Departamento de História, Estudos Europeus, Arqueologia e Artes, Faculdade de Letras
<b>Data de criação</b>	2002
<b>Designação</b>	Estudos Europeus Licenciatura em Línguas e Relações Internacionais
<b>Universidade</b>	Universidade Lusófona – Faculdade de Ciências Sociais, Educação e Administração
<b>Data de criação</b>	2007
<b>Designação</b>	Estudos Europeus, Estudos Lusófonos e Relações Internacionais
<b>Universidade</b>	Universidade Lusófona – Porto
<b>Data de criação</b>	2007
<b>Designação</b>	Estudos Europeus e Política Internacional Estudos Euro-Atlânticos – 2015
<b>Universidade</b>	Universidade dos Açores - Departamento de História, Filosofia e Ciências Sociais

<b>Data de criação</b>	2007
<b>Designação</b>	Comunicação, Cultura e Organizações
<b>Universidade</b>	Universidade da Madeira – Departamento de Psicologia e Estudos Humanísticos
<b>Data de criação</b>	2008
<b>Designação</b>	Estudos Europeus
<b>Universidade</b>	Universidade Aberta

<b>Cursos de Estudos Europeus Pós-Graduações</b>	
<b>Designação</b>	Estudos Europeus da Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra
<b>Universidade</b>	Universidade de Coimbra – Faculdade de Direito
<b>Data de criação</b>	1983
<b>Designação</b>	Estudos Europeus no Instituto Superior de Ciência (ISCSP)
<b>Universidade</b>	Universidade de Lisboa
<b>Data de criação</b>	2014-2015

<b>Cursos de Estudos Europeus Mestrados</b>	
<b>Designação</b>	Estudos Europeus
<b>Universidade</b>	Universidade Católica Portuguesa – Lisboa – Instituto de Estudos Políticos (IEP)

<b>Data de criação</b>	1985
<b>Designação</b>	Estudos Europeus
<b>Universidade</b>	Universidade do Minho – Escola de Economia e Gestão – Departamento de Sociologia do Instituto de Ciências Sociais
<b>Data de criação</b>	1995
<b>Designação</b>	Estudos sobre a Europa – “Europa as Visões do Outro”
<b>Universidade</b>	Universidade de Coimbra – Faculdade de Letras – Departamento de História
<b>Data de criação</b>	2002
<b>Designação</b>	Relações Internacionais
<b>Universidade</b>	Universidade dos Açores
<b>Data de criação</b>	2006
<b>Designação</b>	Estudos Europeus
<b>Universidade</b>	Universidade de Coimbra – Faculdade de Letras – Departamento de História, Estudos Europeus, Arqueologia e Artes
<b>Data de criação</b>	2006
<b>Designação</b>	Relações Internacionais – área de especialização em Estudos Europeus
<b>Universidade</b>	Universidade de Coimbra – Faculdade de Economia
<b>Data de criação</b>	2007

<b>Designação</b>	Estudos sobre a Europa
<b>Universidade</b>	Universidade Aberta
<b>Designação</b>	Estudos Históricos Europeus e Africanos
<b>Universidade</b>	Universidade de Évora - Departamento de História Escola de Ciências Sociais
<b>Designação</b>	Programa Académico da União Europeia
<b>Universidade</b>	Universidade de Macau – Instituto de Estudos Europeus de Macau – IEEM

<b>Cursos de Estudos Europeus</b>	
<b>Doutoramentos</b>	
<b>Designação</b>	Estudos Europeus
<b>Universidade</b>	Universidade de Coimbra – Faculdade de Letras – Departamento de História, Estudos Europeus, Arqueologia e Artes
<b>Data de criação</b>	2009
<b>Designação</b>	Estudos Europeus
<b>Universidade</b>	Universidade Católica Portuguesa – Instituto de Estudos Europeus

<b>Estudos Europeus em Revistas</b>	
<b>Título</b>	<i>Debater a Europa</i>

<b>Informação editorial</b>	CEIS20/Europe Direct Aveiro – semestral, 2009-2016
<b>Título</b>	<i>Eurobarómetro</i>
<b>Informação editorial</b>	Sondagens de opinião do Parlamento Europeu
<b>Título</b>	<i>Revista de Estudos Europeus</i>
<b>Informação editorial</b>	Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa/Almedina – 2007 Da Associação Interuniversitária de Estudos Europeus/ Instituto Europeu da Faculdade de Direito de Lisboa (AREP)
<b>Título</b>	<i>Temas de Integração</i>
<b>Informação editorial</b>	Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra/ Almedina – 1996 Da Associação de Estudos Europeus de Coimbra – AEEC (criada em 1996)
<b>Título</b>	<i>Nação e Defesa</i>
<b>Informação editorial</b>	Instituto da Defesa Nacional – Lisboa – 1976
<b>Título</b>	<i>R:I Relações Internacionais</i>
<b>Informação editorial</b>	IPRI – Universidade Nova de Lisboa – 2004
<b>Título</b>	<i>Novas Fronteiras</i>
<b>Informação editorial</b>	Revista Académica de Relações Internacionais da ESPM – Sul, do NEPRI – Núcleo de Estudo e Pesquisa em Relações Internacionais – 1997-2015

<b>Título</b>	<i>Estratégia – Revista de Estudos Internacionais</i>
<b>Informação editorial</b>	Instituto de Estudos Estratégicos e Internacionais – 1986-2007
<b>Título</b>	<i>Nova Cidadania</i>
<b>Informação editorial</b>	Universidade Católica Portuguesa (Instituto de Estudos Políticos)
<b>Título</b>	<i>Política Internacional</i>
<b>Informação editorial</b>	Instituto Brasileiro de Relações Internacionais
<b>Título</b>	<i>Análise Social</i> (vol. XVIII)
<b>Informação editorial</b>	Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa
<b>Título</b>	<i>Democracia e Liberdade</i>
<b>Informação editorial</b>	Instituto Amaro da Costa (IDL)
<b>Título</b>	<i>Estudos do Século XX</i>
<b>Informação editorial</b>	Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX – CEIS20
<b>Título</b>	<i>Penélope. Revista de História e Ciências Sociais</i> (n.º 18)
<b>Informação editorial</b>	Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, Centro Interdisciplinar de História, Culturas e Sociedades da Universidade de Évora e Centro de História de Além-Mar da Universidade Nova de Lisboa e da Universidade dos Açores



<b>Título</b>	<i>Arquipélago –História</i>
<b>Informação editorial</b>	Universidade dos Açores, Departamento de História, Filosofia e Ciências Sociais – 1979

<b>Estudos Europeus em Centros de Investigação</b>
Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX da Universidade de Coimbra – CEIS20 – Universidade de Coimbra, Grupo de Investigação Europeísmo, Atlânticidade e Mundialização
Centro de Documentação Europeia – Universidade de Coimbra
Centro de Documentação Europeia – Universidade de Lisboa
Centro de Estudos em Direito – Universidade do Minho
Centro de Estudos Humanísticos – Universidade dos Açores (uma linha de investigação sobre Estudos Euroatlânticos)
Centro de História – Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa
CERIE – Centro de Estudos de Relações Internacionais e Estratégia (Universidade dos Açores)
CICPRIS – Centro de Investigação em Ciência Política, Relações Internacionais e Segurança – Lisboa, no Departamento de Ciência Política, Segurança e Relações Internacionais, da FCSEA, da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias
CIEJD – Centro de Informação Europeia Jacques Delors
CIEP – Universidade Católica Portuguesa
IEP – Universidade Católica Portuguesa – Lisboa (em 2011 passou a incluir no seu âmbito o Instituto de Estudos Europeus)
IHC – Instituto de História Contemporânea – Grupo de Investigação Economia, Sociedade e Inovação
NICPRI – Universidades do Minho, de Évora e Açores

<b>Estudos Europeus – Associações</b>
ADEE – Associação de Direito e Economia Europeia (1986)
AEEC – Associação de Estudos Europeus de Coimbra (1996)
AREP – Associação Interuniversitária de Estudos Europeus – em colaboração com o Instituto Europeu da Faculdade de Direito de Lisboa, Pólo Europeu da Universidade de Lisboa (1997)
APEE – Associação Portuguesa de Estudos Europeus (2015)

Artigo Recebido a 12 de fevereiro de 2016 | Aceite a 06 de setembro de 2016